

O SUJEITO E A CONCORDÂNCIA: GÊNEROS TEXTUAIS

Waleska Cardoso Lyrio (UFES)

[waleska\\_jarodrigues@hotmail.com](mailto:waleska_jarodrigues@hotmail.com)

Carmelita Minelio da Silva Amorim (UFES)

[carmel\\_msa@yahoo.com.br](mailto:carmel_msa@yahoo.com.br)

RESUMO

Este trabalho tem como objeto o sujeito posposto ao verbo. O objetivo principal é identificar e analisar o comportamento sintático-semântico e pragmático-discursivo presente em variados gêneros textuais, das ocorrências do sujeito posposto (ordem VS), considerando aspectos metonímicos envolvidos na ocorrência de não concordância. Partindo da abordagem tradicional, toma-se como base a perspectiva teórica centrada no uso, para a qual a língua é um instrumento de comunicação, que envolve aspectos funcionais e cognitivos. A hipótese é de que o termo posposto ao verbo é reanalisado como objeto e não como sujeito, o que explicaria a ausência da concordância. A pesquisa apresenta alguns dados importantes, encontrados até o momento. O *corpus* da pesquisa é constituído de 65 textos, dos quais 30 são impressos e 35 de circulação *online*, extraídos dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*, e de textos veiculados via internet (notícias e frases). Dos 65 textos colhidos até o momento para compor o *corpus*, 23 apresentam sujeito posposto sem concordância. Ao final da pesquisa, temos a expectativa de publicar os resultados encontrados, além de uma proposta de trabalho nas escolas.

**Palavras-chave:** Perspectiva centrada no uso. Sujeito posposto.  
Concordância verbal. Gêneros textuais.

1. *Introdução*

Pesquisar a ocorrência de sujeito posposto ao verbo em diversos gêneros textuais é uma proposta que desperta uma reflexão sobre o uso da língua e possibilita a comparação com estruturas na ordem direta.

Said Ali (1964, p. 279) discorre sobre a concordância em geral, afirmando que

desde que a um vocábulo se ofereçam várias formas de escolha, e o dito vocábulo vem determinar, esclarecer ou informar alguma coisa, a respeito do outro, escolheremos naturalmente aquela forma que se harmonizar com estoutro termo.

Said Ali (1964, p. 280) destaca que a concordância não é uma necessidade ditada pela lógica, mas antes uma redundância, o que explica o desaparecimento da flexão e, portanto, da concordância.

Camacho (1993) discute aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado, afirmando que a concordância verbal no português brasileiro se inclui no conjunto dos fenômenos gramaticais sujeitos à variação. Ainda que pese significativamente a influência da tradição normativa na escola, é possível afirmar que, nem mesmo no âmbito da verdade culta, esse processo sintático pode ser considerado regra categórica, que se aplique invariavelmente, independentemente de outras restrições de natureza sintático-semântica ou discursiva. Além disso, sofre injunções de ordem externa, derivadas da diversidade sociocultural. (Cf. CAMACHO, 1993, p. 104)

É possível perceber que o autor destaca que, funcionalmente, é possível dizer que a concordância ou a variação na ordem dos constituintes serve para marcar uma construção existencial (Exemplo do autor: era assim profundo conhecedor de quem era os ministros e de atos de governo (DID-SP-255, p. 116)), distinguindo-a, da construção declarativa, na qual o sujeito controla normalmente a concordância (Exemplo: Os ministros e os atos do governo eram conhecidos).

## **2. Hipóteses sobre os casos de não concordância**

Decat (1983) alega que a hipótese de que a ausência de concordância em estruturas com sintagma posposto, mais conhecido como sujeito, decorre de serem elas desprovidas de tópico, que são tratados, nesses casos, como o verdadeiro controlador da concordância verbal.

A autora ainda discute três tipos de estruturas: 1) as orações com verbos inacusativos, que por sua natureza, forcem a proposição do sujeito, conduzindo à ausência da marca de concordância no verbo; 2) orações com verbos transitivos, em que o sujeito é não agentivo, 3) sentenças do tipo “*Esses brinquedos os meninos gostam muito*” e “*Os meninos cresceram a barba*”, em que os sintagmas nominais grifados são tópicos, mas enquanto na primeira sentença houve somente topicalização, na segunda, ocorre também a posposição do sujeito, indicando que ora a concordância verbal se dá com o sujeito, ora com o tópico. No entanto, podemos fazer um questionamento para posterior investigação: será que em ocorrências do tipo “*Os meninos cresceram a barba*”, o termo grifado não poderia ser considerado sujeito?

Considerando esses exemplos e as ocorrências de posposição do sujeito, que são objeto desta pesquisa (Exemplo: “Chegou novos produ-

tos da Copa na Mix Papelaria”), pode-se afirmar, a partir dos pressupostos de uma perspectiva centrada no uso, que essa variação no modo como os enunciados são estruturados está relacionada ao princípio icônico da ordenação linear, segundo o qual, a posição das formas no nível oracional e da organização textual revela a ordem de importância para o falante. Esse princípio atua nas escolhas linguísticas no momento do discurso, e prevê uma conexão não arbitrária, ou seja, a existência de motivação, entre forma e função. (Cf. GIVÓN, 1995).

Givón (1976) trata o fenômeno da concordância sob os pontos de vista sincrônico e diacrônico, abordando a questão da concordância verbal numa perspectiva de processamento discursivo, e propondo que não se deve identificar concordância gramatical com concordância verbo-sujeito. O autor pensa que o elemento controlador da concordância é o tópico e não o sujeito.

Ademais, outro princípio proposto por Givón (1995) que pode ser considerado na análise dos dados linguísticos é a marcação. Este é um princípio geral que envolve uma relação sistemática entre complexidade estrutural e cognitiva. Sob o viés desse princípio, categorias cognitivamente marcadas, isto é, cognitivamente complexas, tendem a ser também estruturalmente marcadas. Porém, a marcação não pode ser considerada absoluta, e depende do contexto, podendo ser caracterizada por três critérios básicos. Para esta pesquisa, destaca-se o critério da distribuição de frequência, que prevê ser a estrutura marcada menos frequente.

Na língua portuguesa, a ordem não marcada, isso é, a mais frequente, apresenta o sujeito na posição anteposta ao verbo (ordem SV). No entanto, é também recorrente no uso da língua, a ocorrência de sujeito posposto ao verbo (ordem VS).

De acordo com Naro e Votre (1991), a ordem VS limita-se a determinados contextos discursivos, nos quais o falante transmite partes da mensagem que não são apresentadas como centro da atenção para o ouvinte, confirmando, desse modo, que se trata de uma ordenação marcada no que se refere ao fluxo da informação.

Assim sendo, pode-se pensar a ordenação verbo-sujeito como resultado de um processo metonímico de gramaticalização, que designa a mudança que uma determinada forma sofre em função do contexto linguístico (e pragmático) no qual está sendo utilizada. Nesse caso, há uma contiguidade posicional ou sintática, pois não implica a mudança apenas na forma em si, mas em toda a expressão na qual ela se insere.

Ligado ao processo cognitivo da metonímia encontra-se a reanálise, em que os elementos de um enunciado são reinterpretados como dependentes uns dos outros. As fronteiras são pensadas em termos de constituintes sintagmáticos. Ao adquirirem novas propriedades, certos elementos linguísticos tornam-se membros de novas categorias, ocorrendo, assim, uma reanálise categorial. (Cf. NEVES, 1997, p. 127)

Em construções do tipo “Chegou novos produtos da Copa na Mix Papelaria”, não somente a posição sintagma sujeito se modifica, mas sim o todo sintagmático, já que novas relações entre elementos contíguos parecem ser criadas. Dessa forma, tem-se uma recategorização desses constituintes, e pode se dizer que o sujeito perde suas características prototípicas, ganhando outras propriedades ao ser reanalisado como objeto, assumindo parte do comportamento sintático do objeto. (Cf. COSTA, 1999)

Costa (1999) realiza uma análise desse uso, considerando o grau de escolaridade do falante e constata que a pressão estrutural do sujeito controla a ocorrência da concordância, independentemente do nível de escolaridade do informante. Isto é, na posição anteposta ao verbo, a ocorrência da concordância é muito maior do que nas construções em que o sujeito aparece posposto.

Segundo o autor, os fatores discursivos motivam a ordenação do sujeito em relação ao verbo, que, por sua vez, motiva a realização ou não da concordância verbal, demonstrando que o sujeito se correlaciona com pressões discursivo-pragmáticas.

Neste sentido, a ocorrência de determinadas construções linguísticas é influenciada pelo contexto em que o falante se insere. E essa inserção do indivíduo é dada por meio da utilização dos diversos gêneros textuais – entidades sociodiscursivas que organizam as atividades comunicativas e que emergem no interior de uma situação definida, apresentando propriedades específicas. (Cf. MARCUSCHI, 2003).

Na medida em que as situações vividas são infinitas, infinitos também são os gêneros. Marcuschi (2000, p. 4) afirma que os gêneros operam, em determinados contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam entre desenvolvimentos históricos e práticas sociodiscursivas que se refletem na língua. Desse modo, é possível afirmar que cada gênero apresenta uma determinada estabilidade e define o que é dizível em determinado contexto situacional.

### 3. *Metodologia e análise dos dados*

O *corpus* para a análise foi constituído de textos pertencentes a variados gêneros, veiculados pela internet e impressos, sem especificação ou limitação de período de tempo.

Os dados receberam tratamento quantitativo (em termos percentuais) e qualitativo, a fim de se observar a ação de motivações na configuração da construção investigada.

Os resultados obtidos evidenciam que existe uma variação na concordância de número no português do Brasil, sendo, portanto, possível se prever em que estruturas linguísticas e em que situações sociais os falantes são mais propensos a colocar ou não todas as marcas formais de plural nos elementos flexionáveis das diversas construções.

Observou-se que a maior parte dos casos de não concordância acontece em contextos menos formais. Há uma maior ocorrência em textos publicitários retirados da internet, principalmente em anúncios e propagandas da mídia. Dos 36 textos de circulação online (notícias e frases), 23 apresentam sujeito posposto sem concordância.

Outro dado importante pode ser constatado através dos verbos de maior ocorrência nos casos de não concordância. Observa-se que há uma maior ocorrência dos verbos “chegar” e “nascer”, que podem ser classificados sintaticamente como intransitivos. Ocorrências do tipo “Chegou os adesivos”, em que além do verbo ser intransitivo, apresenta um sujeito considerado não agente e inanimado.

### 4. *Conclusão*

Os dados encontrados a partir da pesquisa realizada, embora não sejam muitos, indicam que a ocorrência da não concordância pode ser explicada a partir dos princípios funcionalistas da iconicidade e da marcação, uma vez que o falante topicaliza aquilo que considera o elemento mais importante da informação e, nesse caso, a concordância se faz com esse elemento, mesmo que ele não seja o sujeito. No que se refere à marcação, em contextos mais formais a concordância é não marcada, mas, por outro lado, em alguns contextos informais, influenciados por alguns tipos específicos de verbos, a estrutura de não concordância é que deixa de ser marcada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Alfa*, São Paulo, 37:101-116, 1993.

COSTA, M. A. Motivações Discursivas e Estruturais Relativas às Ordenações SV e VS. In: MOURA, Denilda. (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Alagoas: Edufal, 1999, vol. I, p. 169-178.

DECAT, M. B. Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito. *Ensaaios de Linguística*, n. 9, p. 91-148, 1983.

GIVÓN, T. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI; C. (Ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. 2003. (Digitado).

NARO, A. J.; VOTRE, S. J. *A base discursiva da ordem verbo-sujeito em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1991.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SILVA, C. R. T. O fenômeno da inacusatividade no português: por uma análise léxico-sintática dos verbos do tipo ir e chegar. *Veredas online – Atemática*, PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora, n. 1, p. 01-15, 2011. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-110.pdf>.